

# gente pontoserpro

A gente se encontra aqui!

Revista Interna Nº11 - Outubro 2011

• **SAUDADE NO AR**

Emoções afloradas na despedida dos 342 colegas que aderiram ao Módulo de Incentivo das APA

• **PRAZER DE COMPARTILHAR**

Colega de Brasília se realiza auxiliando a inclusão digital de cegos

• **À MODA MINEIRA**

Regional Belo Horizonte começou discreta e cresceu rapidamente



Márcia Gomes, da Supde de Fortaleza, aos cinco anos

## MEU BRINQUEDO INESQUECÍVEL

De robôs a bonecas de meia, conheça brinquedos que sempre terão lugar na memória dos colegas

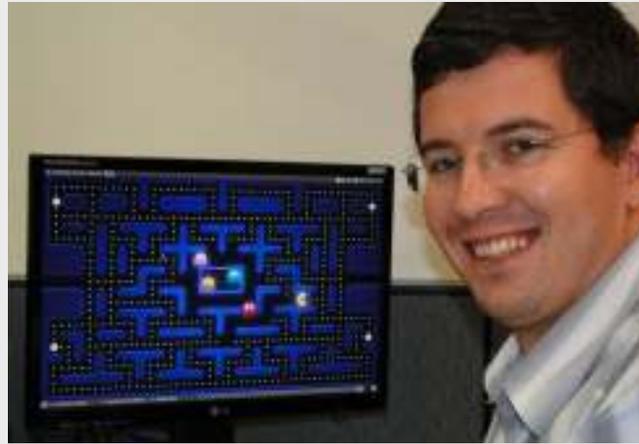
# BRINQUEDOS QUE A GENTE NÃO ESQUECE

*Memórias da infância de colegas convidam a boas recordações*

“ Há um menino / Há um moleque / Morando sempre no meu coração / Toda vez que o adulto fraqueja / Ele vem pra me dar a mão”. A letra de Bola de meia, bola de gude, de Milton Nascimento, constata que algo da menina ou do menino que se foi um dia permanece em algum canto da psiquê adulta. E, apesar de ser infantil, não há nessa presença nada de frágil, e sim de fortaleza. É como um reservatório que nos fornece alento para horas difíceis e nos instiga a procurar o lúdico e a brincar, mesmo quando as obrigações mostram suas caretas.

Para acessar um pouco dessas forças criativas que vivem em cada adulto, a GPS perguntou a onze colegas, um de cada regional: “qual foi seu brinquedo preferido?”.

Da bolinha de gude ao videogame, da boneca de meia ao carrinho de marca, as respostas dizem algo de diferentes décadas, dão pistas da vida levada em vários cantos do país e, além do sorriso que provocam nos colegas, convidam a uma visitinha em um dos cantos mais iluminados de nosso baú de recordações. O lugar que inspirou o compositor a escrever que o “O menino me dá a mão / E me fala de coisas bonitas / Que eu acredito / Que não deixarão de existir / Amizade, palavra, respeito / Caráter, bondade alegria e amor... Confira os depoimentos:



**Brasília**  
“Meu videogame fui eu que comprei”

Rafael Schmidt conquistou seu sonho de criança vivendo, precocemente, como adulto. Morador da pequena Tapera, RS, o menino cedo pegou no batente: a partir dos 8 anos começou a trabalhar para ajudar a família. Aos 12, uma vontade o atordoou: ter um videogame. “Economizei do salário como garçom para comprar um Atari usado, que custava algo em torno de R\$150”, relembra. “Era difícil. Contei moedinhas durante 10 meses porque, sabe como é, criança não sabe bem como economizar. Eu comprava de vez em quando um carrinho, uma coisinha”, diz, superestimando os adultos.

A diversão foi duradoura: “jogava duas horas por dia, mais ainda quando 'fugia' da minha mãe”, brinca. Aos 18, Rafael se desfez da relíquia. Mas o gosto por tecnologia continuou a nortear o guri, que foi para Brasília e aos 25 anos entrou no Serpro. E lá se vão três anos. Hoje ele é chefe em uma área de atendimento a clientes da Supop. E continua gostando de games.



**Belo Horizonte**  
“Foi minha mãe que fez”

“Um dos brinquedos mais especiais que tive foi a Ritiinha, minha bonequinha de meia”, recorda Elizabeth Mendes Teixeira, da Supop de Belo Horizonte. O laço afetivo tem suas razões: “Era especial porque ela foi feita pela minha mãe e eu participei da criação. Minha mãe adorava fazer bonecas de meia para as meninas e bolas de meia para o meu irmão. Minha irmã, minhas primas e eu nos juntávamos todas em torno dela para ver e ajudar na confecção.

As bonecas tinham tudo: rostinho bordado, cabelos, vestidos. A gente gostava mais de montar os penteados com mechas feitas de tiras da própria meia. Era uma tremenda alegria, porque naqueles momentos a gente soltava a criatividade e dava asas à imaginação”, relembra Elizabeth, que tinha entre 8 e 9 anos.

Quando elas se estragavam, logo outras era feitas. Mas me recordo com carinho especial de Ritiinha, com quem passei momentos muito divertidos”, diz.



■ **Belém**  
O piano

Foi com intenção de que a filha se tornasse grande artista que o pai de Mariana Bechara ofereceu à menina o brinquedo que marcaria sua infância. A avó de Mariana repetia que a garota estava fadada a ser pianista, porque tinha dedos longos. O pai da menina tratou de dar uma forcinha para o destino e deu de presente para Mariana, no natal de 1983, um piano infantil.

A colega, analista da Supop em Belém, lembra que as festas em família eram sempre fartas e ela ganhava muitos mimos. “Tudo que eu queria eles tentavam me dar” recorda.

Mas a história com o piano não durou muito porque, após seis meses, um primo quebrou todas as teclas. Mariana chegou a ganhar outro piano, mas se encantou mesmo por outro tipo de teclado: o dos computadores, com os quais desde cedo apresentou grande habilidade. A paixão rendeu a carreira no Serpro e o convite para ser professora universitária.



■ **Fortaleza**  
E a boneca foi para o hospital

Foi o maior Deus nos acuda quando Márcia Gomes, da Supde de Fortaleza, viu que sua companhia predileta da infância seria levada ao “hospital”. “Aos 5 anos ganhei uma boneca da minha mãe e desde então a Kelly, como a batizei, virou meu xodó. Cuidava dela como se fosse um bebezinho de verdade e morria de ciúmes”, lembra Márcia, 32 anos.

“Quando a Kelly já tinha uns 8 anos, minha irmã mais nova riscou a boneca todinha com caneta. Tivemos que levá-la ao hospital de brinquedos e minha sensação era como se eu estivesse lidando com alguém de carne e osso mesmo. Ela ficou um bom tempo 'internada' para que pudessem limpá-la direito”, conta Márcia. Mas a boneca foi “curada” e voltou para casa novinha em folha. “Ainda hoje ela é bem tratada. Quando casei, deixei a Kelly na casa de minha mãe, que aproveita o berço e as roupas antigas de minhas duas filhas para cuidar da boneca. Na ausência das meninas, quem fica no berço é a Kelly”, diverte-se.



■ **Florianópolis**  
Brinquedo que voava

“Entre 1950 e 60 existiam menos ofertas de brinquedos no comércio e eles eram caríssimos”, lembra Ricardo Telemberg, de Florianópolis. Por isso, ele mesmo fabricava seus brinquedos: carrinhos de rolimã, soldadinhos de barro imitando os de chumbo, telefone sem fio feito com lata e cordão, e carrinhos feitos de latas, carretéis de linha, elásticos, velas.

Mas seu brinquedo preferido era a pipa, que ele confeccionava com varinhas de bambu, papel de seda, linha nº 10 e grude, cola feita com farinha de mandioca ou polvilho. Quando ele a empinava “não tinha para ninguém”, garante. A sua subia mais alto e era reconhecida pela rabiola comprida e fininha. Telemberg conta que levava no bolso um punhado de arroz cozido enrolado em papel celofane para colar a pipa caso a seda rasgasse. “Tempo muito bom e que eu sempre gosto de recordar”. A brincadeira se maneve: na foto Telemberg mostra uma das pipas com que brincava com o filho Davi, hoje com 22 anos.

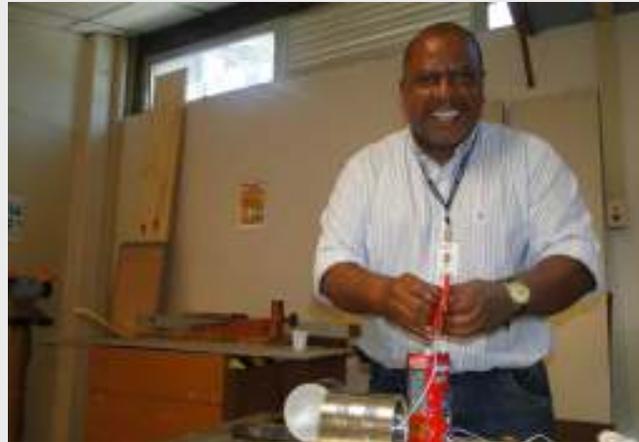


■ **São Paulo**  
Um robô chamado Percival

Percival entrou na vida de Ubirajara Pacheco Maltez Junior como uma boa surpresa. “Eu devia ter cinco ou seis anos e o robô tinha a minha altura”, diz o hoje analista de sistema lotado em São Paulo. Dotado de controle remoto, o brinquedo se movia e ainda apresentava, na cabeça, outra diversão: um jogo de memória com luzes. “Percival ficava ao lado da minha cama. Eu gostava muito dele, e achei bacana já ter vindo com esse nome”, lembra Ubirajara.

Baiano, o colega prestou concurso em São Paulo e ingressou no Serpro há cinco anos, mas há oito havia deixado a casa materna. “Até há pouco tempo minha mãe preservava não só o robô, mas meu quarto todo de criança. Entrar no quarto dava uma nostalgia danada”, lembra-se Ubirajara.

Com a mudança da mãe para um apartamento, os brinquedos foram doados. Mas a memória de Percival jamais sairá da cabeça de Ubirajara.



■ **Porto Alegre**  
Algumas latas e muita imaginação

Quando Jorge do Carmo, da Supop em Porto Alegre, foi às oficinas da regional para recriar um rolete, a pedido da GPS, vários colegas deram palpites: “as latas não podem ser tão pequenas”; “naquela época não tinha latinha colorida”; “o fio não pode ser esse aí”... O tal do rolete consiste em várias latas cheias de terra, bem fechadas, amarradas com um barbante ou arame para puxar. O que, nas mãos de uma criança, viram um carro, um cão ou o que mais a imaginação permitir.

“Nasci e cresci em Uruguaiana, cidade pequena na fronteira com a Argentina. E ali, para brincar, a gente tinha de inventar”, explica Jorge. “Eu gostava de fazer o rolete e da farrá de sair na rua no meio daquele grupo enorme de guris, fazendo bastante barulho”, lembra. A brincadeira durou até os 11, 12 anos, quando começou a ser mais interessante desbravar o rio Uruguai. “Mas o que me vem à memória quando se fala de brinquedo da infância é mesmo essa invenção: bem simples mas, na época, a mais divertida”.



■ **Curitiba**  
O carro da Barbie

Luciana Campos Mota, da projeção da Cetec em Curitiba, tem 34 anos e lembra com carinho do desejado carro da Barbie que ganhou da mãe no aniversário de 9 anos. O brinquedo veio após muitos pedidos, feitos ao longo de aniversários, natais e dias da infância anteriores. Era uma réplica de um Chevrolet Corvette ZR-1 da década de 80, devidamente cor-de-rosa, como convém à famosa boneca norte-americana, e fabricado pela Estrela sob licença da Mattel. O carro era um verdadeiro xodó: “Nunca levava o carro para a escola, nem mesmo para o quintal: era só dentro de casa”, diz Luciana.

Tanto cuidado tinha uma razão de ser, pois o brinquedo veio a custo do esforço financeiro da mãe: “Era muito caro! Custava o equivalente a uns R\$ 500 reais, hoje em dia”. Esse é o preço, hoje, de uma miniatura detalhada do mesmo carro. A lembrança do brinquedo vem associada a uma memória bem gostosa: “Era uma época de boa inocência, aquela”, constata.



■ Recife

Velocidade e aventura

"O vento batendo forte no rosto, a velocidade aumentando cada vez mais, o som único de metal sobre as pedras de calçamento e joelhos, cotovelos e solado dos pés esfolados... Esse conjunto de lembranças remetem ao brinquedo que mais marcou minha infância: o carrinho de rolimã. Embalados nas descidas, podíamos atingir uma velocidade de uns 20 km/h. E aos 12, 13 anos, isso era o mesmo que voar". O relato é de Rodrigo Cavalcanti, da Regional Recife.

"Meu tio, cinco anos mais velho, era o construtor dos carrinhos. Com nossa ajuda, claro, pois o bacana era construir o próprio brinquedo. Uma prancha simples de madeira, bem lixada para não deixar farpas, eixo fixo na parte traseira e um eixo móvel na dianteira, que tanto podia dar direcionamento com os pés quanto com a mão. Os rolamentos usados eram os descartados por oficinas – rolimãs. Materiais simples que marcaram minha infância muito bem vivida no interior de Pernambuco", conclui Rodrigo.



■ Rio de Janeiro

"Boca Rica e Sr. Cabeça de Batata"

Parece uma dupla de heróis do universo infantil, mas os nomes do título são a resposta que Cyntia Bastos, da Supde carioca, tem na ponta da língua quando lhe perguntam qual era seu brinquedo preferido. Boca Rica era um cofrinho vermelho cujo objetivo era ser alimentado até o limite. "Uma a uma eram colocavas aquelas moedas e, em determinado momento, ele se abria, cuspidando as moedas que todo mundo tinha colocado. No final, quem tinha mais, ganhava", explica Cyntia.

A analista conta que guarda muitos brinquedos da época da infância: "estão todos na casa da minha mãe. Ela quer jogar fora, mas eu não deixo". Outro brinquedo que permanece no acervo da analista é o boneco chamado Senhor Cabeça de Batata, que ela espera um dia repassar para a filha, Carolina, que ainda vai fazer um ano. "Quero ver minha filha se perguntar para que serve o cabeça de batata", diverte-se.



■ Salvador

Coleção de bolinhas de gude

À pergunta "qual foi seu brinquedo preferido?" Luiza Pimentel responde com um lugar: a rua. "Ali sempre tinha brinquedo", lembra a colega, que atua na Supde da regional baiana. Ela relata que meninos e meninas brincavam, misturados, de macaquinho (amarelinha), ou de empinar pipas, mas dentre tudo que podia fazer na ruazinha tranquila do centro de Salvador, Luiza tinha uma preferência: "jogar gude".

Cada criança tinha sua coleção de bolinhas de vidro, "um saco, que se comprava no armarinho", recorda-se. "Não me lembro de todas as regras, mas tínhamos que conseguir jogar a gude em buraquinhos feitos no pedacinho de terra da rua, e a perdíamos ao errar". De toda a coleção de bolinhas, algumas pareciam facilitar o jogo, eram as "dedeiras". Ao colocá-las em jogo, havia mais chance de ganhar, mas também era necessário calcular o risco de perdê-las. Um jeito descontraído de conhecer o conceito de ganho x risco, que nos acompanha a vida toda.

## DESPEDIDA EM FESTA

*Alegrias de recomeço e saudades pressentidas comoveram a empresa no último 30 de setembro*

“Sei que vou sentir várias saudades: de às vezes ter que ficar até a madrugada para cumprir prazos; de vasculhar erros de cancelamentos de programas, de procurar as diferenças na balança comercial; de ter trabalhado no Sistema de Apuração das Eleições; de brigar por uma boa causa; de conversar sobre futebol; de rir de uma brincadeira; de comemorar as implantações de sistemas nos quais trabalhei - e também as dos sistemas em que não trabalhei; de almoços de confraternização; de turmas para as quais passei um pouco da minha experiência de programação; do setor de projetos CESEX; de torcer para ganhar o bolão da Mega-Sena; do papo entre um café e outro, e muito mais coisas, mas se ficar aqui escrevendo, não vou acabar nunca e já chegou a hora de ir”.

O depoimento acima foi enviado por Jorge Franklin Martins, do Rio de Janeiro, e retrata bem o sentimento compartilhado com outros 341 colegas que se desligaram da empresa aderindo ao Módulo de Incentivo (MI) das Ações de Preparação para Aposentadoria (APA). Com tantas pessoas saindo ao mesmo tempo, o clima emocionado de festa de despedida se alastrou no Serpro em 30 de setembro passado.

No penúltimo dia de trabalho, a maioria desses novos aposentados participou de uma cerimônia realizada em todas as regionais simultaneamente. Du-



Maria Cristina de Souza (dir.) chorou na sua despedida após 27 anos de Serpro

rante duas horas, ouviram mensagens de agradecimento da diretoria e contaram com a presença maciça de colegas, em todas as regionais. Depois da cerimônia, entre abraços, choradeiras e promessas de não deixar de visitar os amigos que ficam, pode-se apostar que em todas as regionais as conversas de

planos de futuro se misturaram com muitas recordações: “lembra do tempo em que a gente virava 24 horas trabalhando?”... “e as perfuradoras?” ... “e a implantação do sistema x, que pauleira”... “e quando entrou o fulano?”... “e sicrano, lembra dele, que figura...”. ▶

### Histórias misturadas

Boa parte dos recém-aposentados têm tantos anos de casa que suas histórias pessoais se confundem com a do próprio Serpro. Caso de Célio Vendramim, da Regional Rio de Janeiro. Depois de 41 anos na casa, ele afirma que a despedida é um momento de tristeza. “Mas prefiro pensar por outro lado, acreditando que não é um 'adeus', mas que nos separamos para que o destino nos dê um reencontro feliz”, diz Célio.

Lisânia Mathias da Costa, de Porto Alegre, conta que o momento de sair foi tão impactante que a fez preferir não se pronunciar em público na confraternização. “Eu não ia conter o choro se começasse a falar”, declarou. “Sempre gostei muito do meu trabalho e do convívio com as pessoas aqui”, completa a gaúcha, que trabalhou 35 anos no Serpro, 24 deles dedicados ao Centro de Documentação e Informação.



Jorge Franklin e seu chefe, Paranhos, do Rio



Marilene, de Brasília, na cerimônia das APA

### 65 l pessoas já aderiram ao MI

Esta foi a segunda edição do Módulo de Incentivo. Em dezembro de 2009, o Serpro realizou o primeiro, que beneficiou 309 empregados dos 490 inscritos. Este ano, todos os que se inscreveram foram classificados para receber o benefício.

As APA estão situadas no eixo de Qualidade de Vida, que desenvolve ações de maior atenção aos empregados, pessoas que merecem ser felizes no seu trabalho e, como cidadãos do mundo, interagem e influenciam a qualidade de vida daqueles com os quais se relacionam.

Esta iniciativa do Serpro propõe-se a reduzir ansiedades e dificuldades associadas à fase da aposentadoria, servindo como facilitadora na reelaboração de projetos de vida, por meio de reflexões sobre aspectos biológicos, sociais, culturais, psicológicos, políticos e econômicos envolvidos nesta transição. ■

### 🔍 Você Sabia?

#### Amanhã há de ser um novo dia

Mudar a rotina após tantos anos é uma tarefa muito complicada. Saudade, palavra que só existe na língua portuguesa, é a mais repetida pelos que saíram no Módulo Incentivo de 2009 e no de 2011. Confira o depoimento de alguns deles.

“Durante todo este tempo fiz muitos amigos e amigas que hoje e sempre farão parte de minha vida. Quero agradecer de coração a todos que estiveram comigo nas fases boas e nas fases de sufoco, mas que fizeram parte da minha caminhada no Serpro. Não vou dizer adeus, mas um até breve, com um fraternal e eterno abraço ”

Jorge Franklin Martins – Rio de Janeiro – Saiu em 2011

"Ainda por esses dias, limpando minhas gavetas peguei o anúncio publicado pelo Serpro. O anúncio saiu no caderno de empregos do Estadão, em abril de 1973, recrutando Analistas de Organização e Métodos. Fui privilegiado ao ser selecionado e admitido. Com muito orgulho, motivação e prazer trabalhei nesta empresa por 36 anos."

Antônio Teixeira Simões - Regional São Paulo – Saiu em 2009

## INÍCIO TÍMIDO, CRESCIMENTO RÁPIDO

*Regional mineira começou em 1966 e dez anos depois já chegava a 1200 empregados*

A primeira instalação do Serpro em Minas foi em 1966, no edifício da Delegacia Fiscal do Ministério da Fazenda, na avenida Afonso Pena. Depois de passar por mais dois endereços no centro de Belo Horizonte, a regional ganhou sede própria em 1977, um edifício grande, marcante e cercado de verde no bairro Cidade Nova.

Grande parte dessa trajetória foi acompanhada por Basílio Soares Santiago, programador da Supde: "lembro-me exatamente do dia em que entrei no Serpro. Eu tinha 19 anos. Foi em 22/2/72. Tudo dois", sorri. A admissão de Basílio na empresa aconteceu no exato momento em que a regional mudava de endereço pela segunda vez, saindo de um andar alugado no edifício do Banco Mercantil, na esquina da Rua Rio de Janeiro com a Rua Tamóios, no centro de Belo Horizonte, e se estabelecendo num edifício de seis andares na rua Tupinambás, também no centro. "Eu fiz o processo de seleção no 'Banco Mercantil' e semanas depois fui contratado na 'Tupinambás'", conta.

Sua primeira lotação foi dentro da Receita Federal, fazendo o envelopamento de documentos de arrecadação. Seis meses depois, participou de uma seleção



Eluza na época em que era a superintendente regional do Serpro em Belo Horizonte

interna para operador e começou na nova atividade, que consistia na preparação das máquinas para leitura de cartões perfurados, fitas magnéticas e operação de impressoras. "Era muito barulhento o ambiente, mas eu gostava de trabalhar ali", lembra.

### Ritmo acelerado

Basílio explica que, nessa época e até o início da década de 90, o foco das regionais era a operação, tanto que se chamavam Unidades Regionais de Operação, ou UROs. Belo Horizonte era a 6ª URO.

"Era um pega pra capar. Muito trabalho, com processamento do Imposto de Renda e dos dados da Caixa Econômica Federal. Preparo, digitação e operação de computadores funcionavam vinte e quatro horas por dia. A empresa nasceu dentro da ditadura e o esquema de cobrança e pressão em cima dos trabalhadores era forte. Mas o pessoal era muito empenhado, envolvido com as metas da empresa. Tinha um espírito coletivo muito forte. Era muito estimulante trabalhar no Serpro porque era uma atividade nova, os computadores eram uma novidade envolvente", diz.

A mistura de controle, cobrança, compromisso e sonho também era a tônica do trabalho da hoje aposentada Eluza Duarte Leite. Ela entrou no Serpro em 1973, como digitadora, e alcançou o cargo de superintendente regional. "Fui digitadora exemplar e participante das primeiras equipes contratadas para operar o moderno sistema de Concentrador de Teclados - STD 3200, desenvolvido pela empresa, em substituição às obsoletas perfuradoras de cartões. O



Pessoas e computadores: a grande mistura



Fachada da Regional nos anos 70

interessante é que eu digitava numéricos com apenas um dos dedos. Cumpria as seis horas de digitação, como se estivesse executando o trabalho mais importante do mundo", diz. Segundo ela, o controle de produção era rígido e as chefias, extremamente severas e adequadas ao modelo vigente. "As regras eram claras, porém excessivamente rigorosas. Mas eu não tinha problemas. Fazia minha parte com alegria e não tinha razão para me preocupar", acrescenta.

### Como turma de colégio

No final da década de 70, a regional Belo Horizonte chegou a ter cerca de 1200 empregados nos seus quatro turnos de trabalho diário, sendo considerada uma das referências nacionais de produtividade do Serpro. Zilda Leão Coelho Costa, que hoje atua na Supgp, estava na digitação nessa época. "Era muita gente. A maioria meninos e meninas. Tínhamos 18, 19 anos. Todo mundo muito amigo, como se fosse turma de colégio mesmo. Muito trabalho e dedicação de todos. Minha maior lembrança era a hora de ir embora. Todos saíam juntos. Um movimento tremen-

do, uma loucura. E o barulho dos pés em cima daquele chão suspenso era a coisa mais marcante. Recordo-me perfeitamente da cena", narra Zilda.

### Emancipação

Outro grande momento da história da regional Belo Horizonte foi a sua consolidação como polo de desenvolvimento de soluções para a Receita Federal do Brasil, em 1996. "Juntamente com essa conquista, veio o reconhecimento de Minas como centro de excelência e resultados em vários outros segmentos", compartilha Eluza, gerente regional da Sunat à época. "Também foi emblemática a decisão de não mais aceitar que nossa equipe de desenvolvimento continuasse a ser coadjuvante, passando a assumir um sistema completo e ousando assumir projetos inovadores como ReceitaNet e E@D. Foi uma conquista de todos os empregados mineiros, que fizeram triunfar a coragem sobre o medo, a ousadia sobre a passividade, a criatividade sobre a acomodação", completa. ■



Operação: um dos locais de trabalho de Basílio



Veja a obra completa em:

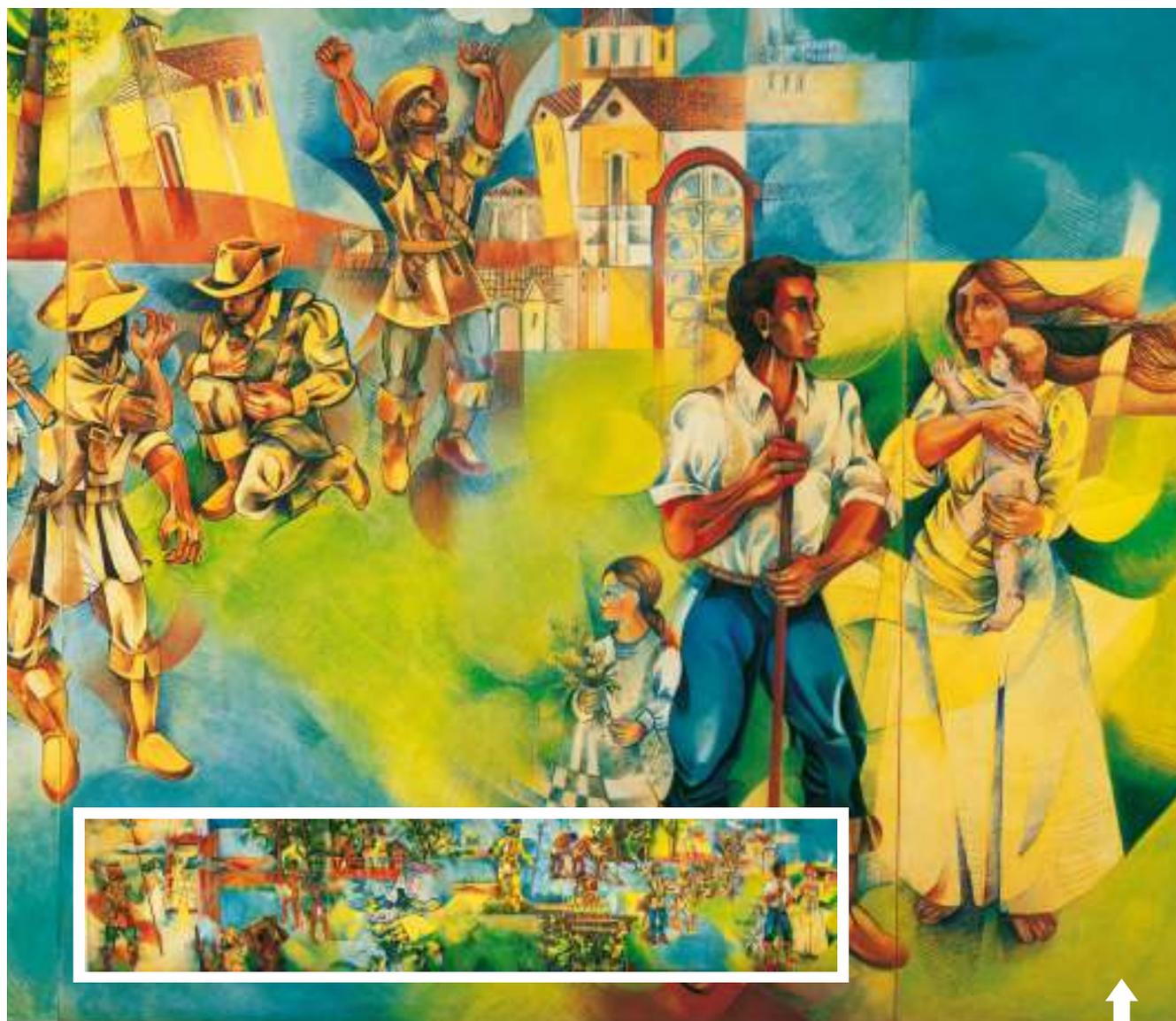
<http://www.yaraturupynamba.com.br/site/murais.php>

### Você Sabia?

#### Só tem em Minas

O empregado e o visitante da regional Belo Horizonte têm o privilégio de poder contemplar, no hall da empresa, uma obra de magnitude no cenário das artes plásticas nacionais: o Mural Entradas e Bandeiras, da artista plástica Yara Tupinambá. Com tamanho incomum (2,3 x 11,6m), a obra aglutina importantes fatores, como a história e cultura de um povo, a técnica apurada e a genialidade da pintora.

O mural conta, em nove cenas, a chegada dos bandeirantes a Minas Gerais, a conquista do espaço, a descoberta do ouro, a fixação na terra e a formação das vilas e cidades, enfatizando o papel dos índios, brancos e negros nesse contexto. Concluído em agosto de 1977, recentemente foi tombado pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município por ser, nas palavras de seu presidente, "um trabalho de relevante valor cultural, de excepcional valor histórico e referência importante para a memória da cidade".



Seção da obra retrata fundação do Curral Del Rey, povoamento que deu origem a Belo Horizonte

## APRENDENDO E ENSINANDO

*Ao contribuir para a inclusão digital de deficientes visuais, empregado do Serpro tira lições de vida*

Trabalhar com os deficientes visuais tem sido uma experiência marcante para Rodrigo Rodrigues de Oliveira, da Regional Brasília. “Pude perceber como são dedicados e concentrados em aprender”, afirma. “Eles têm uma percepção auditiva e olfativa muito aguçada. São alegres, cheios de vida, amigos”, diz Rodrigo.

O colega ingressou no Serpro há cinco anos, como técnico em operação de rede, e desde 2008 auxilia na inclusão digital de portadores de necessidades especiais. Depois de ter ministrado oficina para cegos e pessoas com baixa visão na Associação Brasileira para Deficientes Visuais (ABDV), ele participou do treinamento nacional do sintetizador de voz LianeTTS, no dia 27 de setembro, na sede, com transmissão por videoconferência e acompanhamento de técnicos nas regionais.

Quando conheceu o Programa Serpro de Inclusão Digital (PSID), Rodrigo ficou sensibilizado e com vontade de contribuir. O primeiro telecentro que ajudou a montar foi no Paranoá, onde os equipamentos recebidos em doação estavam amontoados. Junto com Moisés Freitas de Carvalho Pereira, ele montou os equipamentos, desde a bancada até a rede e o link de internet. Depois vieram mais telecentros: Sobradinho, Ceilândia, Asa Norte, Asa Sul e Estrutural, entre outros.

Tecnólogo em segurança da informação formado em 2009, Rodrigo foi um dos palestrantes do 4.º Congresso Internacional de Software Livre e Governo Eletrônico (Consegi 2011). Convidado também para ministrar uma oficina para cegos, com 40 horas distribuídas ao longo de uma semana, Rodrigo imaginou como seria o desafio. Na oficina, encontrou um rapaz conhecedor profundo dos sistemas Linux para deficientes visuais.

Para Rodrigo, a motivação tem o poder de superar limitações. “Dá gosto ver nos olhos de cada jovem a alegria de aprender e ter uma chance de mudar suas realidades”, afirma. ■



Rodrigo, de Brasília, admira a vontade de aprender dos deficientes visuais



### Saiba mais sobre o LianeTTS:

<http://www.serpro.gov.br/servicos/downloads/lianetts/>  
<http://intervox.nce.ufrj.br/~serpro/home.htm>

### Sobre o programa

Desenvolvido pelo Serpro em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o LianeTTS é um programa gratuito, disponível para download no site da empresa, que transforma texto em voz, permitindo que os cegos usem o computador com mais facilidade e conforto. Disponível para Linux, com o leitor de tela Orca, e para Windows, com NVDA, o programa é a primeira solução gratuita de qualidade em português do Brasil para síntese de voz.

